



**AÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO JOGO DAS 5 MARIAS,  
EXPERIÊNCIA NO PIBID.**

Luis Henrique Soares <sup>1</sup>.

Thiago Aguiar Santos <sup>2</sup>.

Érika Nishiye Laperuta <sup>3</sup>.

Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma <sup>4</sup>.

**Linha de estudo: 2.**

**Forma de Apresentação: ( X ) Comunicação Oral ( ) Poster**

**Resumo**

O objetivo deste trabalho foi relatar a experiência, das diferentes intervenções, do professor de Educação Física, acompanhados pelos estudantes bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), no processo de ensino e aprendizagem e meios avaliativos. Foram elaboradas uma sequência de 5 aulas, com a unidade temática de Brincadeiras e Jogos, a ênfase foi em jogos de matrizes africana, no qual, foi selecionado o jogo da Bugalha, também conhecido como “Cinco Marias”. As turmas selecionadas para o ensino do jogo foram 3 turmas do terceiro ano do ensino fundamental, que estavam alojados temporariamente em um prédio emprestado, pois a escola estava em reforma, sem quadra e pátio, podemos afirmar que não foi um fator limitante. A metodologia utilizada, tem como conceitos basilares a formação integral do indivíduo, buscando um sujeito totalitário que está em constante formação, e que deve ser ativo nesse processo. Observamos que os procedimentos que incluem os estudantes no aprendizado, tem a capacidade de produzir conhecimentos com sentido e significado para aquele que aprende. Os alunos foram capazes de compreender e realizar todas as propostas, e foi observado, no processo

---

<sup>1</sup> Graduando em Educação Física Licenciatura, Bolsista PIBID, membro do LaPEF - GEPEF da Universidade Estadual de Londrina - UEL, [luis.ricksoares@uel.br](mailto:luis.ricksoares@uel.br);

<sup>2</sup> Graduado em Educação Física Licenciatura, Bolsista PIBID, Universidade Estadual de Londrina - UEL;

<sup>3</sup> Mestre em Educação, Docente supervisora de área PIBID, Professora da rede Municipal e Estadual de Londrina, [erikanis@gmail.com](mailto:erikanis@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora no curso de Educação Física – Licenciatura. Coordenadora do PIBID da área de Educação Física. Coordenadora do Laboratório de Pesquisas em Educação Física Escolar – LaPEF, GEPEF - UEL.



avaliativo, qualidade no resultado das aprendizagens. Foram adotados diferentes critérios na avaliação: observações, registros no caderno e provas. Por meio desse processo de ensino, apontamos que com uma intervenção/ação docente e com uma proposta de avaliação adequada, o professor consegue obter maior adesão dos alunos no conteúdo, e isso também favorece na criatividade, socialização, levantamento e conclusão de hipóteses.

**Palavras-chave:** Ação Docente; Brincadeiras e Jogos; Avaliação;

## INTRODUÇÃO

Entre as unidades temáticas que devem ser ensinadas nas escolas pelos professores de Educação Física, propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), estão os Jogos e Brincadeiras. No currículo do município de Londrina, essa temática também está prevista, por essa razão, o presente estudo está de acordo com o projeto político pedagógico.

Diante desse contexto entendemos que os Jogos e as brincadeiras fazem parte da cultura, está inserido no contexto social e não pode ser definido apenas para divertir, tem que ir além, ou seja, deve apresentar aprendizagens e ressignificações ao ser ensinado na escola. De acordo com Kishimoto (2011) brinquedos e brincadeiras são formas privilegiadas de desenvolvimento e apropriação do conhecimento pela criança, sendo instrumentos indispensáveis da prática pedagógica e componente relevante de propostas curriculares.

No momento do ensino, o contexto e a individualidade da comunidade foram incluídas, para isso os objetivos das aulas eram singulares, de acordo com a intenção de ensino. A seleção do jogo foi da “Bugalha” ou popularmente conhecido como Cinco Marias, mas, questionando os estudantes, durante as aulas, percebemos que o nome mais comum, para eles, era Jogos da Pedrinhas, segundo (SANTOS, 2012, p.110) a Sua nomenclatura pode variar devido a diversidade cultural; muitos conhecem como Bugalha, cinco marias, jogo de pedrinhas, bugalho, onente, bato, telhos, entre outros. Esse fato é muito significativo por caracterizar a complexidade do conteúdo Jogos e Brincadeiras, por enfatizar os aspectos culturais e regionais, assim como a diversidade de elementos que o compõem. Não podemos limitá-lo a uma definição ou trata-lo



como mera atividade que propicia prazer a quem realiza o jogo (SANTOS, 2012, p.41)

Buscamos verificar como seria a progressão do conteúdo, o envolvimento dos estudantes com o passar das aulas e seus entendimentos sobre o conteúdo, por meio de questões levantadas durante o desenvolvimento do processo, durante a sequência de aulas, bem como ocorreu a avaliação da aprendizagem, de acordo com os objetivos propostos no planejamento dos docentes.

O ensino na Educação Física, deve ser de maneira que colabore para que o estudante compreenda o movimento da motricidade humana por completo. Com base nos estudos de Sérgio (1999) A motricidade humana é o corpo em movimento intencional, procurando a transcendência, a superação, em nível integralmente humano e não do físico tão-só. Para isso torna-se necessário um embasamento perspectiva crítica de educação ao refletir como o movimento corporal se inicia, quais implicações para o praticante, para o desenvolvimento do jogo e para a sociedade. Como este movimento corporal se relaciona historicamente com diferentes povos, não apenas a replicação do que o professor fez ou de um colega usado como exemplo. Isso é importante para buscar um movimento corporal intencional, para que o estudante entenda em que momento da sua vida ele precisará daquela prática para seu cotidiano, em um momento de competição ou lazer. “Ensinar exige a tomada consciente de decisões.” (FREIRE, 2004, p. 56).

Ao planejar as aulas o docente deve se ater aos objetivos que deseja alcançar, aos descritores, e assim, ter a possibilidade de antecipar as variáveis que podem atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem, para isso precisa pensar as aulas como um todo, ter uma sequência pré-estabelecidas, podendo alterar a ordem caso necessário (chuvas, eventos, mudança de local, entre outros fatores), para que não mude de conteúdo de forma aleatória, repetindo os jogos de tabuleiros quando a quadra está impossibilitada de uso, por exemplo. Nesse enfoque todo o contexto das aulas envolve um conjunto de conhecimentos dos professores, no qual é caracterizado por um saber plural, formado pelo amálgama, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2008 p.36).



Desta maneira, durante a sequência de aulas as correlações do que era estudado foi feita pelo docente, que ao se preocupar em trazer uma apropriação ativa do conteúdo para seus estudantes, constantemente ocorreram questionamentos sobre a prática corporal que está sendo realizada, para não ser uma aula palestra, favorecendo que na participação dos estudantes eles levantassem e testassem as hipóteses promovendo inquietação dos mesmos. A prática é reveladora de um modo de ser professor porque podemos certificar as teorias que as sustentam. Isso porque não há prática que se sustente sem uma teoria (GHEDIN, 2008 p.14).

Retraçando a história de um conteúdo desde sua origem conhecida, o docente consegue esmiuçar adequadamente aquele conteúdo, uma forma de introduzir aquela prática corporal para os estudantes, com sentido cronológico. A ideia é contribuir para que o estudante se entenda como um sujeito histórico, diferenciar como um movimento corporal era praticado primordialmente e como o processo temporal o modificou.

O Objetivo deste trabalho foi analisar o processo pedagógico do ensino e processo de avaliação com o conteúdo jogo bugalha ensinado durante a sequência de 5 aulas. A avaliação na Educação Física, não deve priorizar os gestos técnicos de uma prática corporal, mas, sim observar a compreensão do estudante sobre a cultura do jogo, as diferentes nomenclaturas, a forma de jogar, a construção do material, entre outros. Desta forma compreendemos a avaliação enquanto um processo de construção que não deve ser desvinculada do ensino e sim inserida no decorrer do conjunto de aulas. A perspectiva da avaliação ação avaliativa como uma das mediações envolve ação, movimento, provocação na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa (HOFFMANN, 2010 p. 57). Outro ponto que deve ser observado na avaliação é se o estudante reconhece o movimento corporal como parte da motricidade humana intencional com sentido e significado.

## **METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho, foi feito um planejamento de uma sequência de 5 aulas, para o ensino didático-metodológico do jogo popularmente conhecido como “Cinco marias”, além da anotação diária sobre o processo, na



qual houve mudanças, no planejamento original, diante das necessidades, maior tempo, novas estratégias entre outros motivos.

A escola onde foi feita esta observação, é uma escola pública municipal, situada na zona norte de Londrina. O trabalho contou com 3 turmas do terceiro ano do ensino fundamental I, no qual a turma com maior número de estudantes tinha 26 estudantes, e a menor turma tinha 24 estudantes. Mas, os alunos estavam temporariamente alojados em um prédio emprestado, com espaços restritos e com muita limitação de uso de material, o que no início se tornou um desafio a enfrentar, e podemos afirmar que não foi um limitador para aprendizagem, diante das relações e adaptações feitas previamente pelos docentes.

No primeiro encontro, a aula foi utilizada para os docentes entenderem em qual patamar de conhecimento sobre o assunto os estudantes se localizavam, o que consideramos ser uma avaliação diagnóstica, com diferentes indagações, do tipo se conheciam, ou quais fases sabiam realizar, a partir disso, sucedeu-se um breve histórico sobre os jogos tradicionais e de matriz africana, para ampliar os saberes dos estudantes.

Após este momento inicial, os docentes expuseram alguns exemplos de jogos de matriz africana e seus países de origem, foi também apresentado o mapa-múndi, a fim de saber se os estudantes localizavam o continente africano e os países que foram exemplificados com seus jogos tradicionais.

As ações docentes adotadas para essa aula, foi o levantamento de questões como: a) Como eu sei que um jogo é tradicional? b) O que faz um jogo ser tradicional de matriz africana? c) Quais jogos tradicionais vocês conhecem? d) O jogo tradicional sofre mudanças? Promovendo esta prática pedagógica para a sala de aula, foi possível conferir uma participação maior da turma, pois eles citaram exemplos, trazendo suas experiências de vida, colaborando para uma maior adesão e interesse ao conteúdo.

Próximo ao término da aula foi pedido aos estudantes, como tarefa de casa, que trouxessem 5 “pedrinhas” ou mais, de um formato que coubesse em suas mãos para a realização das próximas aulas, essa tarefa foi outro meio avaliativo, se conseguiram entender, uma vez que teriam que selecionar o material adequado.



No segundo encontro, foi exposto que o jogo que seria estudado era a bugalha. Na sequência foi levantado junto aos estudantes quais formas de jogar eles conheciam. Inicialmente, para trocar experiências, foram sugeridos pequenos grupos para que compartilhassem as regras e formas de jogar que sabiam. Na segunda parte da aula foi contar sobre a história das Cinco marias, jogo o qual inicialmente era jogado com os ossos das articulações das patas de animais conhecidos como “Astrágalo”. Era praticado tanto como jogo de azar como jogos divinos para entender o significado de fatos da vida, ao longo do tempo o jogo foi se difundido entre as civilizações e os ossos de animais foram substituídos por pedras preciosas passando a ser jogado pela nobreza europeia. Acredita-se que o jogo chegou ao Brasil por meio dos portugueses.

Retraçando a história da bugalha desde sua gênese, é uma ação necessária e importante para que o aluno se entenda como um sujeito histórico, além de começar a criar relações desse jogo e ver este como parte de uma prática da cultura, e ainda cotidiana. O terceiro momento desta aula, os estudantes vivenciaram a prática em duplas, sendo ensinados como iniciar o jogo e a disputa de quem iria começar jogando. Logo em seguida foi ensinado aos alunos algumas formas de jogar a bugalha de maneira mais simples e lenta para começarem a entender a funcionalidade do jogo.

No terceiro encontro desta sequência de aulas, foram levantadas questões ensinadas na aula anterior. Esta ação pedagógica ajuda ao estudante lembrar sobre o conteúdo anteriormente aprendido. Os estudantes aprenderam três novas variações do jogo das 5 marias, os quais foram: Arco, machadinho e golzinho.

As perguntas levantadas antes, durante e após a atividades foram: a) Como fica mais fácil pegar a “pedrinha”? Jogando a pedra mais alta é melhor do que jogar a pedra mais baixo? b) Qual forma de posicionar a mão fica mais fácil para não deixar a pedra cair? Estes tipos de perguntas durante a transição entre uma atividade e outra, corrobora no processo de apropriação ativa do conhecimento. O tempo todo era favorecido, por parte do professor, que eles levantassem hipóteses do movimento corporal necessário para o jogo e testasse as hipóteses, escolhendo aquela da sua preferência. A intenção é para que os estudantes não fiquem presos apenas a gestos técnicos de movimento, mas sim



entenda seu corpo por completo, em busca de um movimento corporal intencional e não uma repetição de modelos.

Na penúltima aula, inicialmente em círculo, os docentes novamente perguntaram aos estudantes o que lembravam sobre as aulas anteriores, com perguntas como: a) O que faz um jogo ser de matriz africana? b) Como a bugalha era jogada antigamente? c) Quais variações da bugalha aprendemos? Novamente com o intuito de aumentar a participação dos estudantes na aula e resgatar sobre o conteúdo aprendido anteriormente.

O objetivo principal nesta aula, foi vivenciar as variações aprendidas, mas agora com a mão não dominante, ou seja, os estudantes sestros realizariam a aula com a mão direita e os estudantes destros realizariam a aula com a mão esquerda, essa vivência foi feita em duplas. Esta atividade não é somente com o intuito de melhorar os estudantes mecanicamente ou aumentar o repertório motor, mas, sim para que o aluno entenda suas dificuldades, tenha essa experiência com seu lado não dominante para ações importantes e possibilite um autoconhecimento.

As arguições neste momento, em círculo com os alunos, foram voltadas para que eles percebessem está diferença entre os lados corporal, tais como: a) Por que é mais difícil realizar a atividade com a mão não dominante? b) Como fazemos para melhorar está diferença?

Ao finalizar este momento de troca de conhecimento entre discentes e docentes, foi solicitado aos estudantes que se dividissem em duplas novamente e em conjunto com sua dupla criassem uma variação da brincadeira bugalha e desse um nome para essa criação. Sendo avisados que na próxima aula eles teriam que apresentar para turma a variação do jogo criada.

No último encontro da observação, foi destinado a avaliar a variação do jogo criado e nomeado pelos estudantes, como foi combinado na aula anterior. A aula iniciou com as duplas lembrando suas criações, logo em seguida em uma roda iam apresentando as variações criadas e todos tentavam jogar da forma sugerida.

Ao final da aula, o professor pediu, aos estudantes, que escolhessem uma variação da bugalha, criada pelos seus colegas, para jogar, assim, vivenciando e aprendendo mais uma variação do jogo. Além de estar



aprendendo como o jogo tradicional pode sofrer modificações a depender do local, tempo histórico e a cultura. Ou seja, a processo de ensino-aprendizagem tinha o objetivo de promover ao estudante uma variada forma de abordar o jogo, com a investigação de sua origem, as variações existentes, e ser construtor de uma nova forma. O resultado deste estudo do processo de ensino do jogo bugalha foi ao encontro ao trabalho proposto por BRAGA, et al. 2022, p.1246.

O jogo tradicional, quando ensinado na sua totalidade (história, origens, influências, formas de jogar) possibilita que os alunos compreendam sobre algo que vem se perdendo e deixando de ser ensinado de forma integral. A cada dia o ensino do jogo tradicional vem sendo fragmentado e/ou reduzido em apenas fazer, tirando a essência e a verdadeira característica dele.

Por fim, os critérios para a avaliação foram: 1) O aluno interagiu nas aulas? 2) Entendeu a história e origem da bugalha? 3) Aprendeu e obedeceu às regras? 4) Ajudou no processo de criação da variação? Com esses critérios foram feitas as observações, questões e meios de registros.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a apresentação da criação do jogo, de cada uma das duplas nas três turmas, como um dos critérios de avaliação, pelos docentes, foram julgadas criativas, surpreendentes e satisfatórias. O objetivo foi avaliar se os estudantes criariam variações coerentes com o conteúdo ensinado, sob uma perspectiva de redefinição e reinterpretação dos movimentos da bugalha, juntamente com a decisão em conjunto com a dupla. Além de ter tido uma resposta positiva das turmas com a avaliação final, não podemos deixar de lado o processo feito com os alunos durante essas 5 aulas, pois a cada aula eles eram avaliados por meios de perguntas e observação dos discentes.

O ensino do jogo com caráter de ludicidade, o ser humano é capaz aprender e praticar sua criatividade. Com o processo de ensino no qual o estudante é constantemente indagado sobre sua prática corporal, questionado sobre como é a maneira de realizar determinado movimento para que o jogo aconteça, compreendendo sua corporeidade, sua relação interpessoal com outros colegas e com o meio em que está inserido, e como influenciam naquela atividade, a fim de fazer com que este estudante seja um sujeito inquieto, crítico



e que tenha capacidade de criar diversas soluções para um mesmo problema. (SOARES, 1992, p.45).

O jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente.

Ensinar o conteúdo jogos, como a bugalha, é de extrema importância, além de estudar as habilidades motoras como a coordenação motora fina, o estudante visualiza suas capacidades físicas, começa a construir uma consciência corporal, um autoconhecimento, que é muito necessário para realizar outras atividades de seu cotidiano, como utilizar uma tesoura, segurar em um lápis ou pincel, entre outras atividades que requisitam desta habilidade. (DELVALLE, 2021, p.2)

A atividade motora e a exploração motora possibilitam a tomada de consciência de si mesma e do seu mundo, sendo que essas habilidades motoras auxiliam na conquista de sua independência enquanto sujeito

Questionar a prática corporal do aluno, como por exemplo: a) “De qual maneira realizar o movimento, ajuda a ficar mais fácil pegar as pedrinhas?” b) “Com qual mão ficou mais fácil realizar os movimentos?” c) “Qual fica mais fácil de pegar, lançar a pedrinha mais alto ou mais baixo?” São formas de trazer o estudante para aula, não deixar a aula “solta”, problematizando o conteúdo, para auxiliar os estudantes neste processo de transcender seus conhecimentos sobre o que está sendo ensinado, além de fortificar a inquietação deles. (SOARES, 1992, p. 43) “O aprofundamento sobre a realidade através da problematização de conteúdos desperta no aluno curiosidade e motivação, o que pode incentivar uma atitude científica”.

A historicidade de um conteúdo é importante para que o estudante se entenda como um sujeito histórico, visualizar o processo de onde surgiu uma prática da cultura corporal, como ela impactava no seu local de origem e como ela impactou onde o estudante está inserido, ver como a prática era realizada antigamente, como é praticada atualmente, fazendo também com que o mesmo se pergunte maneiras de inovar e/ou modificar um movimento. (NEIRA, 2018, p.14).

A inclusão de outros conhecimentos no currículo torna perceptíveis os hibridismos e mestiçagens que caracterizam a cultura corporal, desencadeia novos olhares dos alunos sobre si próprios e sobre



aqueles com os quais convivem, além de facilitar o fluxo entre o local e o global.

O docente, deve proporcionar um campo de conhecimento dos conteúdos, não apenas ensinar o que é “mais fácil” ou mais conveniente para o âmbito escolar. Ensinar e prover o acesso a diferentes práticas da cultura corporal, para que este estudante tenha uma vasta vivência em diferentes áreas da Educação Física, todo conteúdo tem seu valor, impactando também na vida adulta desses alunos. (NEIRA, 2011, p.35).

O acesso a determinados conhecimentos e não outros, fazendo uso de certas atividades e não outras, posiciona o estudante de uma determinada maneira diante das “coisas” do mundo, o que influencia fortemente a construção das suas representações.

Ao começar e finalizar um processo de avaliação, o professor deve estar atento se sua demanda, está condizente com o que foi ensinado aos estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem, para que a mesma não fique sem sentido e significado. Na Educação Física, implica avaliar além de gestos técnicos, podendo observar também os aspectos sociais, afetivos, cognitivos entre outros. (BRATIFISCHE, 2003, p. 26).

É preciso refletir sobre o processo ensino-aprendizagem, para que haja coerência entre aquilo que se aprende e aquilo que será utilizado no seu dia a dia, e dentro deste esquema encontra-se a avaliação, que deverá, possivelmente, abranger os processos cognitivos, afetivos e psicomotores.

A finalidade da avaliação do processo ensinado, deve ser para constatar se os estudantes tiveram um salto qualitativo de aprendizagem. Se o que foi ensinado agregou valores, se houve uma aprendizagem na busca de movimentos corporal intencional, não apenas a repetição de modelos. Deve ser mais do que apenas a aplicação de testes mecânico-burocráticos. SOARES, et al apontam que, “A avaliação do processo ensino-aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos.” (1992, p.68).

## **CONCLUSÃO**

O trabalho colaborativo entre o ensino superior e a educação básica subsidia uma produção de saberes imensuráveis, uma vez que todos se beneficiam, a formação escolar, pelos alunos, por poder contar com mais apoio pedagógico, devido ao número de professores disponíveis, os bolsistas, que



possuem o campo real de futura atuação como objeto de estudo, levando para as discussões e análise na universidade, ao professor de campo pela possibilidade de um formação continuada com qualidade, refletindo outros meios de ensino, e formas de pensamento de todo o contexto profissional.

A ação docente é uma ação profissional, que deve atuar de forma política quando necessária, não deve deixar de expor e encaminhar suas solicitações por exemplo de melhores condições de trabalho, faz parte da ação profissional do educador de agir no âmbito social de criticar e conduzir aos órgãos superiores as mazelas escolares. Porém, os modos precários dos materiais ofertados, os espaços de aula não podem ser um fator preponderante na ação docente, pensar em alternativas para que se tenha um ensino de qualidade, com os objetivos e finalidades colocadas no currículo, requer do docente um planejamento antecipado, e para isso deve pontuar na escrita do próprio currículo, pensando em sua realidade de atuação, o que fica explícito nessa trabalho essa realização, me estar em prédio com espaços muito restritos e compartilhados e mesmo assim, foi desenvolvido o melhor ensino.

Essas consequências resultam diretamente na escola, que pode ser verificado como exemplo nesse relato de experiência, desde a organização da sequência de aulas no qual coloca-se os estudantes como autores no processo de aprendizado, representando o paradigma educacional norteador, até na metodologia, estratégias de ensino, em que eles conseguiram compreender o jogo e os movimentos corporais necessários para a realização, verificados nos meios avaliativos previamente estabelecida pelos docentes.

Com uma proposta de avaliação que prioriza o trabalho em grupo, analisa como foram as respostas socioafetivas dos estudantes, ou seja, como lidaram em discutir o processo de criação de uma nova variação para o jogo Cinco Marias com seu colega, assim, pudemos notar que a Educação Física deve superar a concepção de avaliar apenas o gesto técnico. O docente deve ter um olhar para a avaliação como toda aula é momento de avaliar, não apenas um momento único e específico, normalmente quando encerra o conteúdo. O professor precisa estar diariamente avaliando seu estudante, estruturado de acordo com objetivo da aula, com perguntas e problematização.



A avaliação é um instrumento de extrema importância para qualquer processo de ensino, pois é a partir dela que os docentes conseguem analisar se o processo de ensino-aprendizagem foi adequado e atingiu o objetivo inicial estabelecido. Na Educação Física, este processo deve ser mais que apenas a aplicação de testes, comparando os estudantes entre melhor e pior ou certo e errado, mas, sim com o objetivo de entender se o estudante aprendeu determinado conteúdo em sua proposta cultural, sua história, como aquela prática influencia e influenciava seu local de origem, como ela impacta na sociedade atualmente. Em relação ao movimento, se é um movimento intencional, se o estudante realmente entendeu como se dá esta prática corporal e não está meramente copiando os colegas ou seu professor.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. **Avaliação em educação física: Um desafio**. R. da Educação Física/UEM Maringá, v. 14, n. 2, p. 21-31, 2. sem. 2003.

DELVALLE, Evanildes Chiminacio, et. Al. **Desenvolvimento motor na educação infantil através da ludicidade**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.7.n.6. jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GHEDIN, Evandro e ALMEIDA, Maria Isabel de e LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática**. Brasília: Líber

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 34.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. 104 p.

KISHIMOTO, M. T. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação**. São Paulo: Cortez, 2011

NEIRA, Marcos Garcia. **A reflexão e a prática do ensino – Educação Física**. Blucher. São Paulo, 2011.

NEIRA, Marcos Garcia. **O Currículo cultural da educação física: pressupostos, princípios e orientações didáticas**. e-Curriculum, São Paulo, v.16, n.1, p. 4 – 28 jan./mar.2018

PREFEITURA DE LONDRINA. Orientações Pedagógicas 2023. **Diretriz Curricular para o ensino de Educação Física na rede municipal de Londrina**. Disponível em: <https://padlet.com/priscilaoliveira04/educa-o-f-sicaovpdxh7lmnkag5l>. Acessado em: 20 fev 2024.



PALMA, Ângela Teixeira Victoria. Et. al, **Educação Física e a Organização Curricular Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio**. Unijuí, Ijuí, RS 2021.

SANTOS, Gisele Franco de Lima. **Jogos Tradicionais e a Educação Física**. Londrina, PR: Eduel, 2012.

SANTOS, Heloisa Braga et al. **Processo de ensino e aprendizagem do jogo tradicional Bugalha: uma experiência de Pibidianos**. Studies in Health Sciences, Curitiba, v.3, n.2, p. 1237-1248, apr./jun., 2022.

SÉRGIO, Manuel. **Um corte epistemológico: Da educação física à motricidade humana**. Lisboa, Instituto Piaget, coleções epistemologia e sociedade, 1999.

SOARES, Carmen Lúcia, Et. Al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2008.